

O PAPEL DO PROFESSOR E DA UNIVERSIDADE NA FORMAÇÃO DO CIDADÃO CRÍTICO ATRAVÉS DO LETRAMENTO ACADÊMICO

THE ROLE OF THE TEACHER AND THE UNIVERSITY IN FORMING CRITICAL CITIZENS THROUGH ACADEMIC LETTERING

Luiz Marcelo Viegas ¹

“O compromisso do professor, particularmente no nível da educação superior, é com o desenvolvimento da autonomia do estudante nas dimensões intelectual, pessoal, emocional, social, profissional, cultural e política.” (PEREIRA, 2014).

Observamos, nos últimos anos, o incremento no número de brasileiros e brasileiras que conquistam o sonho do ingresso em uma universidade, seja ela pública ou privada. Fruto de políticas públicas de Estado, esse crescimento deixou clara a necessidade de professores do ensino superior abordarem, de forma mais assertiva e didática, a questão do letramento acadêmico.

Segundo Juchum (2014), pesquisas realizadas entre estudantes calouros mostraram que estes têm grande dificuldade na produção de gêneros acadêmicos como, por exemplo, a resenha, o resumo e os relatórios. Porém, é imperativo que se destaque que os problemas identificados nessas pesquisas não significam que os alunos não tiveram contato com leitura e escrita durante o ensino médio. Elas mostram o que parece óbvio: na educação básica os estudantes não lidaram com gêneros acadêmico-científicos típicos do ensino superior e, na universidade, como bem indicado por Assis (2014), ao serem instados a ler e produzir textos com características próprias desse ambiente, surgem os obstáculos. Assim, como nos aponta Fisher (2010, p. 223), “o que conta como letramento na vida desses alunos precisa ser considerado, (re)visitado, em especial pelos professores, para que se questione, valorize, apoie, expanda o que é singular e/ou comum a esses sujeitos”.

Oliveira (2017) nos apresenta o relato de uma aluna do 2º período do curso de Letras de uma universidade privada da cidade de São Paulo que acreditava que o “conhecimento que ela tinha sobre a escrita, construído em contextos primários e secundários de socialização e escolarização, não era suficiente para que se engajasse de modo imediato nas práticas escriturais do domínio acadêmico” (OLIVEIRA, 2017, p. 62). Na opinião da aluna, ela deveria ter aprendido como redigir gêneros como resenha, esquema ou resumo, antes de entrar para o curso

¹ lmviegas@gmail.com

de Letras, não sendo responsabilidade dos professores do curso ensiná-los. Por este exemplo, verifica-se que alunos recém-chegados ao ambiente universitário podem se sentir culpados e na obrigação de aprenderem, por seus próprios meios, a produzir os textos acadêmicos, com o aprendizado se dando de forma autônoma, como se não houvesse a necessidade de serem ensinados a eles “gêneros específicos de determinada esfera” (OLIVEIRA, 2017, p. 62). Cabe aos professores mudar essa percepção.

Dabène e Reuter (1998, p. 5 *apud* ASSIS, 2014, p. 803), tratam da visão equivocada de muitos sobre a universidade que, geralmente, não é entendida “como um lugar de situações específicas de ensino/aprendizagem: a imagem que prevalece é muito mais aquela de um espaço de transmissão de saberes, sem considerar as práticas”. A realidade nos alerta sobre o erro de se compreender saberes e ensino/aprendizagem como opostos, como se impossível fosse a existência de “saberes sobre o ensino/aprendizagem” (ASSIS, 2014, p. 803).

Desta forma,

[...] torna-se mais coerente esperar e aceitar que os alunos universitários se familiarizem e aprendam a ler e a escrever os gêneros acadêmicos, sobretudo, na instituição e nas esferas do conhecimento em que são constituídos, portanto, quando se inserem nas práticas de escrita universitária. Conseqüentemente, parece necessário incluir esse conteúdo nos currículos e nas pesquisas (MARINHO, 2010, p. 366).

A inclusão de disciplina dedicada à leitura e escrita, geralmente no primeiro ano, como observado atualmente em parcela significativa dos cursos de graduação das universidades brasileiras (ASSIS, 2014), é de fundamental importância para que os alunos possam ser apresentados aos gêneros que fazem parte das produções realizadas na academia, permitindo, assim, o desenvolvimento cognitivo na compreensão e produção de textos que, até então, para parte significativa do corpo discente recém-chegado, apresenta-se, como relatado anteriormente, um grande desafio.

Assim como não há de ser surpresa para o professor as dificuldades que os calouros apresentam no trato com os gêneros trabalhados na universidade, uma vez que esses não eram objeto de estudo no ensino médio, não se pode considerar iletrados esses mesmos alunos por não terem se inserido “nas práticas esperadas no contexto acadêmico” (JUCHUM, 2014, p. 111), já que “é possível ter um bom domínio da língua, mas ser *inexperiente* na atividade de moldar os gêneros, de administrar a interação, a tomada de turnos, etc.” (MARINHO, 2010, p. 367).

De acordo com Juchum (2010, p. 111), “analisar e entender o que os alunos escrevem sobre suas escritas” é uma forma de o professor “penetrar nessas práticas de escrita que estão

em conflito com as práticas do letramento acadêmico no momento de entrada na universidade”. Compreender o aluno, entender suas dificuldades, facilitar seu trajeto na academia, entre outros pontos, devem nortear o trabalho do professor, devendo ser repreendidos comportamentos como os citados por Marinho (2010, p. 370) de situações observadas de “violência simbólica presente nessas relações acadêmicas de ensino-aprendizagem”, onde “representações que professores universitários fazem dos alunos e de suas relações com o texto acadêmico na sala de aula” beiram o escárnio, com doses fortes de cinismo e humilhação como se, aqueles que os fazem, ocupassem um lugar no Olimpo e tivessem nascido sabendo de tudo. Essas relações tensas podem refletir negativamente no desempenho dos calouros, com reflexos passíveis de ocorrer durante sua vida acadêmica, gerando um bloqueio quando se tratar de produção e leitura de gêneros inerentes ao ambiente universitário.

Entendemos que o estranhamento demonstrado por parte de professores do ensino superior, frente às dificuldades relacionadas à leitura e escrita de gêneros acadêmicos apresentadas por alguns alunos (MARINHO, 2010), não coaduna com a missão que deve permear o meio universitário, particularmente no que tange ao compromisso que se espera ser assumido pelo corpo docente.

Pelo exposto, verificamos que, ao se dedicar e incentivar a compreensão e produção de textos acadêmico-científicos, a universidade, sendo ela *locus* de compartilhamento de conhecimento e de produção científica, cumpre com seu papel na formação de cidadãos críticos. Quando o professor toma a posição de não restringir a sala de aula a um espaço simplista de transmissão de saberes, sem considerar as práticas de ensino/aprendizagem, mas, sim, em um local de formação e desenvolvimento de capacidades, de desenvolvimento do letramento-acadêmico ideológico, do pensamento crítico e de crescimento intelectual, levando-se em conta a bagagem que o aluno possui quando do seu ingresso no ensino superior, ele cumpre com seu papel de educador.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Juliana Alves. Representações sobre os textos acadêmico-científicos: pistas para a didática da escrita na universidade. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, 43 (2): p. 801-815, maio-ago. 2014. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/482/361>. Acesso em: 28 set. 2020.

DABÈNE, Michel; REUTER, Yves (Ed.). *Pratiques de l'écrit et modes d'accès aux savoirs dans l'enseignement supérieur*, *Lidil*, Grenoble: Université Stendhal, n. 17, 1998.

FISCHER, Adriana. Os usos da língua na construção de sujeitos letrados: relações entre a esfera escolar e a acadêmica. *Acta Scientiarum: Language and Culture*, v. 32, n. 2, p. 215 - 224, 2010. Disponível em: Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/view/9257/9257>. Acesso em: 15 nov. 2020.

JUCHUM, Maristela. A escrita na universidade: uma reflexão com base no que os alunos dizem de seus textos. *Horizontes de Linguística Aplicada*, Brasília, ano 13, n. 1, p. 107-129, 2014. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/horizontesla/article/view/1339>. Acesso em: 28 set. 2020.

MARINHO, Marildes. A escrita nas práticas de letramento acadêmico. *RBLA*, Belo Horizonte, v. 10, n. 2, p. 363-386, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbla/v10n2/o05.pdf>. Acesso em: 28 set. 2020.

OLIVEIRA, Eliane Feitosa. Letramento acadêmico: história de letramento e expectativas em torno das práticas de escrita do curso de Letras. *Línguas & Letras*, v. 18, n. 39, p. 46-65, jun. 2017. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/14889>. Acesso em: 12 nov. 2020.

PEREIRA, Elisabete Monteiro de Aguiar. Docência na universidade ultrapassa a preparação para o mundo do trabalho. *Ensino Superior UNICAMP*, 28 jul. 2015. Disponível em: <https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/artigos/docencia-na-universidade-ultrapassa-preparacao-para-mundo-do-trabalho>. Acesso em: 7 out. 2020.